

A saga de um Moinho em busca de um Poço Longe

Rosa Adelina Sampaio Oliveira¹

rosa_0221@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo trata das experiências vivenciadas pelos integrantes do Grupo de Teatro Roda Moinho em regiões de zona rural do interior da Bahia, em comunidades e assentamentos de reforma agrária. Serão refletidas e relatadas algumas situações que perfizeram o trabalho do Grupo com crianças e jovens das respectivas comunidades. De maneira mais focal, será apresentada a descrição e análise do trabalho do Grupo de Teatro Roda Moinho com o Teatro de Máscaras e a *Commedia dell'Arte*, com os jovens do Assentamento Poço Longe, no município de Ruy Barbosa (BA), refletindo-se sobre as conseqüências de tais experiências no trabalho e nos paradigmas de atuação do referido Grupo.

Palavras-Chave: Teatro Popular. Assentamento. Educação

ABSTRACT

This article is about the experiences by the Group Theatre Roda Moinho (Wheel Mill) in rural regions of the interior of Bahia, in communities and agrarian reform settlements. Will be reflected and reported some situations that amounted to the Group's work with children and youth in their communities. In more focal, will be presented a description and analysis of the work of the Theatre Group Roda Moinho with the Theatre of Masks and Commedia dell'Arte, with the young from Settlement Poço Longe (Poll Away) in the municipality of Ruy Barbosa (BA), reflecting above the consequences of such experiences at work and paradigms of performance of that Group.

Keywords: Popular Theatre. Seating. Educacion

¹ Licenciada em Teatro pela Universidade Federal da Bahia, Mestranda em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA e integrante do Grupo de Teatro Roda Moinho.

*“Somos o Grupo de Teatro Roda Moinho
Para aqueles que já nos conhecem não precisa apresentação
Àqueles que chegaram agora
Prestem muita atenção
Com irreverência e poesia nos reunimos
Para com o teatro movimentar esse mundão
E é por esse motivo
Que paramos aqui nesse sertão [...]
Aqui então nos despedimos
Com o convite que aqui deixamos
Quem quiser vivenciar essa experiência
É só vir nos acompanhando”²*

O presente artigo visa investigar parte da trajetória de trabalho do Grupo de Teatro Roda Moinho no Assentamento Poço Longe localizado na cidade de Ruy Barbosa – BA. A análise dessa trajetória irá analisar e refletir sobre as questões emergidas no processo de trabalho focalizado na poética da *Commedia dell’Arte* com os jovens do assentamento, as quais suscitaram progressões e encontros de novas perspectivas de trabalho e metodologias para o grupo em questão.

Conduzirei o artigo a partir do meu olhar enquanto integrante do Grupo de Teatro Roda Moinho, por isso, faz-se necessário adentrar em algumas questões preliminares de como a poética da *Commedia dell’Arte* se tornou foco de pesquisa inicialmente individual, e posteriormente, uma das poéticas trabalhadas e investigadas pelo Grupo.

A *Commedia dell’Arte* vem sendo meu foco de atenção e pesquisa desde 2007, sendo realizada a minha primeira experiência com a poética, na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Durante o meu terceiro semestre do curso de Licenciatura em Teatro cursei a disciplina eixo sobre a temática, conduzida pelo professor Marcus Villa Góis, a qual culminou na montagem do *canovaccio* (roteiro) ”O Arrancadentes”. Depois dessa experiência

² Parte do Texto de construção coletiva elaborado para mobilização das oficinas no Assentamento Dom Mathias.

- em 2008 - continuei a pesquisa com o mesmo professor na Associação Arte em Todas as Partes, quando montamos o *canovaccio* “O Pedante”, ambos de Flaminio Scala. No ano seguinte participei de um curso com o Grupo Barracão de Teatro em Campinas/SP.

No ano de 2010 entrei no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia, na linha de Poética e Processos de Encenação, visando pesquisar a ressignificação de elementos da *Commedia dell'Arte* a partir das identificações culturais de um grupo específico. O local da experiência prática da pesquisa somente definiu-se após a execução do projeto “As Nossas Máscaras”, com a continuação dos trabalhos com jovens do Assentamento Poço Longe.

A partir dessas experiências pude construir e confirmar minha escolha de trabalho com a poética *dell'Arte* e continuar a pesquisa metodológica, que foi inclusive o foco temático do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da minha graduação, intitulado: “*Commedia dell'Arte* e educação: Em busca de uma metodologia educacional libertadora”. Nessa monografia, tentei investigar as relações de opressão e luta de classes contidas na poética, e iniciei o processo de busca acerca de uma metodologia própria (mas não cristalizada e em eterna construção) de ensino sobre a mesma a partir, principalmente, de princípios de Augusto Boal (Teatro do Oprimido) e Paulo Freire (Pedagogia da Libertação), bem como, a partir de alguns autores sobre a poética.

Sendo este artigo também uma progressão da história e das nuances das transformações metodológicas e conceituais do Grupo de Teatro Roda Moinho, para partir para a análise do trabalho deste com o Assentamento Poço Longe, também se faz necessário um breve histórico da formação do mesmo e de como o anseio por trabalhar em meio rural foi gerado.

O Grupo de Teatro Roda Moinho iniciou seus trabalhos teatrais na região do subúrbio ferroviário de Salvador, em Fazenda Coutos, na escola municipal Antonio Pithon, desenvolvendo o projeto intitulado “Conhecendo o Teatro”. A partir dessa experiência de contato em certa medida extenso – mais de um ano – com a escola, com a comunidade, com as pessoas, que as idéias e linhas de atuação do grupo começaram a se formar. A partir da observação e vivência com a realidade local, surgiu o mote para a construção do texto da primeira montagem do grupo, “Quindim, o catador de sonhos”, com texto de dois dos integrantes, Rosa Adelina e Alexandre Geisler. Esse espetáculo infantil de bonecos foi selecionado no edital de ocupação de espaços culturais da FUNCEB – nos proporcionando

ficar um mês em cartaz no Cine Teatro Plataforma e de maneira rápida e superficial conviver também com o bairro.

A partir do ano de 2009, o grupo intensificou seu desejo por trabalhar em regiões rurais, pequenos povoados e municípios do interior da Bahia. Realizamos o projeto “As Nossas Máscaras”, através do edital de formação e qualificação artístico cultural da FUNCEB, executando as oficinas de “*Commedia dell’Arte* e Teatro de Máscaras” e “Confecção de máscaras” em assentamentos de reforma agrária de Ipirá e Ruy Barbosa, os quais fazem parte do Movimento dos Trabalhadores Assentados, Acampados e Quilombolas da Bahia – CETA. Paralelo a esse projeto o grupo também realizou algumas intervenções cênicas na região, com temáticas e situações surgidas a partir do contato com o local e com as pessoas.

Sobre olhares, vivências e maturações...

Conhecer-se o que não se conhece é reconhecer-se no novo, que se busca conhecer, algo que já existe no velho e, paulatinamente, irá se transformando (o velho), ao mesmo tempo em que, inevitavelmente também se transforma o que se passa a conhecer (o novo). É nascer-se de novo, a cada passo, junto com o próprio caminho que se percorre, transformando-o, continuamente. (BIÃO, 2009, p. 34)

Nesse ponto adentrarei na investigação de uma das questões que fez o grupo adicionar novas práticas à sua atuação. Essa questão associa-se estruturalmente a um outro assunto, que mesmo não sendo o foco desse artigo, será de certa forma abordado nesse espaço, que são as possibilidades de sustentabilidade de um grupo teatral, aqui, com foco em um trabalho popular.

Por uma questão de pesquisa e também financeira, vinculada aos custos de uma montagem sem apoio financeiro, o grupo desenvolveu e



intensificou o processo de trabalho com o que chamou de **intervenções**. Com essa iniciativa o universo da rua começava a desnudar-se através do trabalho com máscaras, palhaço, com a criação de pequenas cenas ou apenas com a interação com o público em geral, tudo de uma

forma saborosamente experimentadora. Concomitantemente a esse processo, o grupo foi se afeiçoando e desenvolvendo o desejo por investigar mais profundamente esse formato.

Dessa maneira, sem conseguir montar um espetáculo, o grupo passou a desenvolver um formato que além de não demandar o mesmo tempo de dedicação de uma montagem (até porque os integrantes do grupo também desenvolviam outras atividades para subsistir financeiramente), pôde ser sustentado e mantido graças ao seu custo econômico ínfimo e ao suporte de outros projetos. Esse processo, aos poucos, também aproximou diretamente o grupo do povo, num formato que em maior ou menor grau, foi suspendendo a dicotomia entre ator-espectador, desnudando assim novos caminhos para serem investigados.



Através do suporte de outros projetos, focalizados inicialmente no aspecto da formação teatral apenas, o grupo pode realizar tais investigações e materializar o desejo por estar atuando e dramatizando em espaços populares. Não é por estar agora sistematizando e refletindo tal questão que deixarei de lado um fator, que inclusive vai nortear todas as outras reflexões que serão suscitadas nesse espaço, que é a dimensão da espontaneidade dessas descobertas. Foi o próprio caminho que construiu as escolhas e mostrou posteriormente prováveis direções a serem seguidas.

Como anteriormente mencionado, a primeira experiência do grupo em meio rural, a qual também é a experiência inicial de desenvolvimento dessa pesquisa, foi o projeto “As Nossas Máscaras”, idealizado desde 2008, mas que somente conseguiu suporte para consolidar-se no início de 2010. Nesse projeto o grupo desenvolveu oficinas de Confecção de máscaras e de Teatro de Máscaras e *Commedia dell’Arte* para crianças e jovens de dois assentamentos, Dom Mathias (Ipirá/BA) e Poço Longe (Ruy Barbosa/BA).

A primeira sensação absorvida na execução do projeto foi a de que éramos “estrangeiros” no local, tanto na construção do nosso olhar quanto no direcionamento do olhar das comunidades. Entretanto, percebemos que ao longo do desenvolvimento das atividades acontecia uma abertura progressiva das comunidades, inclusive, passando a nos apoiar com os recursos dos quais dispunham (leite, costura, gasolina, etc.).

Além de sermos desconhecidos pela maioria das pessoas desses locais³, o fato de estarmos ali para fazer arte, bem como usarmos roupas de certa forma “despojadas” atraía a atenção geral, em ambos os locais (Ruy Barbosa e Ipirá). Tornávamo-nos inicialmente foco do olhar de muitos. Em uma de nossas viagens, depois de mais uma jornada de trabalho no Assentamento Poço Longe, ao irmos à feira de Ruy Barbosa, na área urbana, percebemos a movimentação e o burburinho em torno de nossas figuras, escutamos inclusive de forma disfarçada um diálogo: “- Quem são eles?” e a resposta “- Devem ser *hippies!*”. A verdade é que nossa fisionomia exausta, os cabelos bagunçados, rostos inchados, roupas bem coloridas e amarrotadas, e mochilas quase do nosso tamanho nas costas, atraiu a atenção em relação à estética do ambiente e das pessoas que estavam nele. Mas essa é só mais uma das experiências vivenciadas decorrente de certo olhar de estranhamento direcionado para nós, de caráter bem explícito, mas coisas mais sutis dessa natureza também permearam boa parte de nossa convivência com as comunidades.

É importante nesse espaço refletir um pouco sobre as conseqüências de tal olhar inicial de estranhamento, pois essas reflexões fazem parte do processo de trabalho dessa pesquisa. Tal olhar não se encerra de forma alguma na dicotomia entre bom ou ruim, sendo um pouco mais complexo tal fenômeno. A atitude das pessoas variava, desde as que de certa forma não facilitavam a execução da nossa proposta, passando por aquelas que inclusive dificultavam⁴ e chegando até pessoas curiosas e outras que se identificavam prontamente conosco, criando laços instantâneos e tornando-se amigos. Essas reações também podiam se misturar de acordo com a situação.

Tivemos que aprender a dialogar com tal olhar e não nos paralisar diante de suas conseqüências. Nosso encantamento e desejo profundo de estar ali contribuiu para isso, e, aos poucos, fomos conquistando espaço. Progressivamente com o contato com os assentamentos e as comunidades, o entrosamento foi fortalecendo a confiança e o apoio por parte das pessoas dos locais, como consta no texto interpretado pelo Roda Moinho numa intervenção que celebrou o final do projeto “As Nossas Máscaras” no Assentamento Dom Mathias. A finalização do processo contou com uma apresentação de uma adaptação do *canovaccio* “O Arrancadentes” de Flaminio Scala, intitulada “Troca de Favores” resultado da Oficina de Teatro de Máscaras e *Commedia dell’Arte* e com um cortejo com as máscaras construídas na

³ Apenas eu possuía algum vínculo prévio, inclusive com parentes, no município de Ipirá.

⁴ Em uma das intervenções, eu com a máscara de Pantaleão cheguei a ter um cavalo guiado em minha direção de forma ofensiva.

Oficina de Confecção de Máscaras, ambos resultados elaborados e apresentados pelos jovens e crianças do local. Para contribuirmos para a celebração final, bem como para devolvermos à comunidade um pouco do que havíamos maturado na troca com o ambiente, elaboramos o texto a seguir, que sintetiza as sensações vivenciadas pelo Grupo de Teatro Roda Moinho e que foi apresentado no Assentamento Dom Mathias e na comunidade Malva:

“Minha vida é andar por esse País!

De Salvador para Itaberaba
De Itaberaba à Ipirá
Vindo ali pela Conceição
Para pousarmos no Ciatá.

Doze dias no assentamento
Passando em rio, riacho
Suando no sol a pino
Esperando o grande momento
De começarmos as Oficinas
De iniciarmos o Entrosamento

Passa boi, passa boiada
O carro cai até dentro d'água
Piaba vai de carona
Celular sai para nadar
E a força dos homens e mulheres fortes
Não deixa o carro afundar
[...]

Nessa história tem muitos personagens
Muita gente a agradecer
Se começasse pelo A
Demoraria um tantão até chegar ao Z.
Se gasolina fosse ouro
Nós não teria dinheiro para pagar
Tamanha quantidade que Janete⁵
Teve que beber para funcionar
[...]

Teve rabada, teve tripa,
Limão, leite e até homem pra empurrar
Janete, quando teimava empacar

E tudo isso vai deixar recordação,
Dos homi e das mulé
De todo esse sertão.
Vamos lembrar também da alegria
Das crianças e dos jovens
Que folia!

E de todo aquele sambão que fechou a primeira aula

⁵ Janete foi o nome que demos carinhosamente ao carro Fiat 147, que conseguimos através de apoio para transitar em Ipirá. Com o qual sofremos um acidente ao chegar ao Dom Mathias. Por falta de freios o carro caiu dentro de um rio, dentre tantos outros problemas mecânicos que nos acompanharam nessa jornada.

Eita que emoção!

E no final dessa jornada
Aqui no Dom Mathias
O corpo ta moído
De tanto peso carregar
Entra em carro, sai de carro.
Acorda cedo, antes mesmo das galinhas,
Pro almoço preparar.

E os alunos, eita menino!
Vem de muito longe
Para nos proporcioná momentos de muita emoção
Que dentro desse texto
Nem mesmo vai dar

Uma hora, meia hora,
Nesse Sol a caminhar,
Atravessando rio, passando em pasto,
Tudo isso para teatrar
[...]

Compartilhar dessa arte
É um pouquinho revolucionar
Trocando em miúdos
E reinventando o Bê-a-Bá.

O tempo passa, o tempo Voa
E vamos chegando no finá.
Desse canto que é um resumo
Desse nosso caminhar
Que foi em passo junto
Assim, coladinho, com esse povo especiá

Já nos Quarenta e Cinco
Vamos anunciando o grande finá
E com emoção nos despedimos
Porque amanhã logo cedo
Antes mesmo que amanheça
Colocamos o pé na estrada
Levando na cabeça
Muitas histórias com certeza
Dessa temporada pelo sertão

Somos o Grupo de Teatro Roda Moinho
Aqueles que no início não nos conheciam
Amanhã com certeza se lembrarão”.

Alexandre Geisler - Texto de despedida do Assentamento Dom Mathias

“Longe, lá de longe, onde toda beleza do mundo se esconde”: o trabalho com o teatro no Assentamento de Reforma Agrária Poço Longe

Nesse espaço tratarei de analisar algumas questões relacionadas especificamente ao trabalho com teatro no Assentamento Poço Longe, que, como anteriormente explicitado, iniciou-se com o Projeto “As Nossas Máscaras” (através das Oficinas de Confecção de Máscaras e de Teatro de Máscaras e *Commedia dell’Arte*). Os resultados dessa experiência foram motivadores e o contato com crianças e jovens do local suscitou um desejo recíproco pela continuidade das atividades.

Uma das diferenças na execução do projeto nos dois assentamentos foi a mobilização para as atividades, resultado direto da estrutura dos dois locais. No Assentamento Dom Mathias as casas dos assentados estavam sendo construídas em seus respectivos lotes, o que gerava uma distância muito grande⁶ entre as mesmas, dificultando a mobilização dos participantes para as oficinas. No Assentamento Poço Longe a maioria das casas dos assentados encontram-se em um formato de vila, o que facilitou a articulação e diálogo para a mobilização das Oficinas.

Ao chegarmos ao Assentamento Poço Longe, crianças e jovens nos aguardavam, o que demonstrava ansiedade por parte dos mesmos e uma mobilização concreta para as atividades. Uma imagem que não será esquecida é a dos meninos e meninas correndo em direção à sede da antiga fazenda, local em que dormíamos nesse primeiro projeto e no qual executamos as oficinas. Todos os dias, antes mesmo de estarmos prontos, ainda escovando os dentes ou tomando café, ouvíamos e víamos aquele burburinho de multidão correndo e se aproximando. Uma cena realmente inesquecível e cativante para nós do Roda Moinho.

Outra diferença na execução da proposta é que os jovens e as crianças resolveram participar de ambas as oficinas, o que gerou um grau maior de entrosamento e apreensão dos objetivos do projeto. O resultado dos trabalhos contou com uma adaptação do *canovaccio* “O Arrancadentes” de Flaminio Scala e com a exposição das máscaras confeccionadas.

No assentamento Poço Longe, ao final da realização do projeto, ficou um desejo recíproco de regressar e dar continuidade às atividades. E foi o que buscamos fazer. Após o

⁶ Fui informada que chegavam a ter lotes distantes 18 km um do outro.

retorno do Poço Longe iniciamos a busca por recursos para dar prosseguimento à proposta. E a concepção de um novo projeto já trazia a marca dos anseios emergidos no processo. Por exemplo, nesse novo projeto desejamos estabelecer um contato mais duradouro e intenso; percebemos a necessidade de diálogo com outras linguagens e outras pessoas no processo de formação artística dos jovens que não fosse apenas nós do Roda Moinho, escolhemos inicialmente a arte circense e a música; e, incluímos como resultado a montagem de um espetáculo teatral tendo eles como atores para ser apresentado no próprio assentamento e na área urbana de Ruy Barbosa.

Na segunda tentativa conseguimos captar o recurso, mas, a aprovação desse novo projeto “Teatro PopuRural”⁷, veio com a indicação de redução de 33% do recurso solicitado. Tal fato ocasionou numa contenção dos nossos desejos. O trabalho com o circo e a música teve a carga horária reduzida pela metade, também houve diminuição da carga horária para o trabalho de confecção de máscaras (que já possuía poucas horas de trabalho).

Na prática, com o trabalho com o teatro, executamos quase o dobro da carga horária que foi prevista no projeto. O desejo para que construíssemos um bom espetáculo, bem como, algumas adversidades que aconteceram (que serão tratadas a seguir), fizeram com que ampliássemos nosso trabalho com o local. Durante o processo, alguns fatores contribuíram para nos trazer novos desafios, e, por consequência, novas reflexões para a continuação da proposta após mais esta etapa.

Um dos fatores que tivemos que lidar, o qual apenas apresentou-se durante a execução da proposta e que emergiu apenas após tornarmos o projeto mais extenso, foi a oscilação dos participantes durante os encontros que sucederam de novembro de 2010 a janeiro de 2011⁸. Essa oscilação dos participantes, que provavelmente deve ter contado com diversos fatores, teve como um fator preponderante, a relação com os afazeres e compromissos dos educandos. A grande maioria desenvolvia atividades no seio da família (como a organização da casa, cuidar de crianças menores, trabalhar nos lotes), sendo que alguns chegavam a trabalhar externamente.

⁷ Esse projeto contou com o apoio financeiro do Fundo de Cultura do Estado da Bahia.

⁸ Esse projeto tinha sido inicialmente programado para ter sua execução de julho a setembro, mas por questões burocráticas e pela demora da disponibilização dos recursos ocorreu nesse período.

Obviamente este compõe apenas um dos aspectos para tal oscilação, internamente no Roda Moinho refletimos sobre outros fatores possíveis, que na realidade, necessitam de mais trabalho com o local para serem problematizados de forma mais consistente.

Retornando a questão do apoio da comunidade, percebemos que a cada viagem realizada dávamos mais um passo para a construção dessa comunhão. Inicialmente foi apenas com os participantes do projeto e algumas pessoas isoladamente, depois com os familiares, até conseguirmos abranger um contato e um diálogo (ou apenas uma pré-disponibilidade), com boa parte da comunidade. Chegando inclusive, a sermos reconhecidos na área urbana do município de Ruy Barbosa. Isso na realidade também é consequência do grau de aprovação e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e nos estimula a insistir numa continuidade.

O projeto “Teatro Popurural” teve como resultado a montagem do espetáculo “O mistério das Ovelhas” que foi apresentado no Assentamento Poço Longe e em uma praça na área urbana de Ruy Barbosa. Para chegar a avaliação desse resultado é necessária uma síntese e reflexão sobre a metodologia de trabalho da Oficina de Teatro de Máscaras e *Commedia dell’Arte*.

Antes de introduzir coisas mais específicas, é necessário ressaltar novamente que existia um trabalho inicial com o Teatro de Máscaras e a *Commedia dell’Arte*, e, que os jovens e as crianças participantes, em menor ou maior grau, possuíam alguma afinidade com a poética, fosse enquanto participantes do primeiro projeto “As Nossas Máscaras”, que chegou a



construir e apresentar no assentamento uma adaptação do roteiro de Flaminio Scala “O Arrancadentes”, ou ainda, enquanto espectadores dessa apresentação e da intervenção cênica com máscaras realizada pelo Grupo de Teatro Roda Moinho no local.

Uma das características dos encontros da Oficina de Teatro de Máscaras, é que os planos de aula eram sempre extremamente flexíveis e abertos a modificações, por conta da oscilação da presença das pessoas no grupo de trabalho e pelas necessidades sentidas na aplicação do processo.

Dessa forma, o processo foi reiniciado retornando-se ao trabalho com a máscara neutra, com o foco para máscara, com jogos de integração, trabalho com corpo grotesco, etc.

Paralelamente ao retorno do que havia sido trabalhado no primeiro projeto, outras metodologias foram adaptadas e outras criadas para atender às demandas do processo durante seu desenvolvimento, e, para estimular o surgimento de improvisações e histórias que contribuíssem para a criação do espetáculo final, como jogos e exercícios de contação de histórias, de mímica com ações⁹ e posteriormente com as máscaras *dell'arte*, contação de história atrelada ao trabalho com o foco para a cena mascarada, etc.

Para a criação de novos exercícios¹⁰ foi necessária uma preparação prévia de estudo sobre trabalhos metodológicos e conceituais sobre o jogo mascarado, *Commedia dell'Arte* e Teatro Popular, bem como, retomar parte do arsenal de exercícios aos quais vivenciei enquanto educanda, os quais sofreram adequações para melhor servirem a proposta. A dinâmica de busca constante propiciou o amadurecimento de minha *práxis* enquanto professora e também contribuiu como suporte para a possibilidade de flexibilização da minha metodologia de trabalho, entretanto, não posso omitir que também me adicionou alguns cabelos brancos.

Outra questão emergida durante o segundo trabalho com teatro no Assentamento Poço Longe, a qual partiu de uma reflexão do Grupo Roda Moinho e que agora se configura como um dos principais objetivos para uma próxima etapa, consiste na investigação de como suscitar a sustentabilidade e a continuidade das atividades teatrais no assentamento sem a nossa presença mediando o processo. As primeiras ações com relação a essa questão, foram iniciadas ainda durante a execução do projeto “Teatro PopuRural”, com uma pesquisa metodológica aplicada de como desenvolver a autonomia individual e do grupo.

Dessa maneira, foram adicionadas dinâmicas que estimulassem a apreensão da estrutura das aulas, bem como, incentivados durante o processo discussões e diálogos no grupo nos quais os participantes tanto fizessem colaborações ao trabalho do colega como também descrevessem e explicassem os jogos, exercícios, conceitos do jogo mascarado e de cena, os quais haviam vivenciado.

⁹ Esse jogo não é uma referência direta ao trabalho com mímica no teatro e sim uma adaptação de um jogo comumente realizado entre jovens.

¹⁰ A “criação” de novos jogos não impede que antes outros artistas já os tenham desenvolvido, apenas caracterizam-se novos com relação às práticas que vivenciei.

Esse trabalho é de suma importância para a construção - a médio prazo - da unidade e da autonomia do grupo ou, caso essa (que é o desejo maior dos integrantes do Roda Moinho) não aconteça, da potencialidade de autonomia, articulação e síntese de pensamento do indivíduo.

Ressalto que adversidades nesse percurso também aconteceram, o processo de escuta ao outro e de permitir-se ser criticado, bem como aprender a criticar de forma construtiva ainda devem ser bastante trabalhados. Também nesse ponto, a compreensão de que o “erro” e as dúvidas são fontes potenciais da educação (quando bem canalizados), também é parte estruturante. Algo interessante foi perceber a apreensão dos conceitos trabalhados, mesmo que podendo comportar melhoras nos aspectos da articulação e da expressão verbal dos mesmos.

Retomemos a discussão em torno do roteiro “O mistério das ovelhas”, o qual foi construído por mim em parceria com Alexandre Geisler, a partir das histórias contadas e das improvisações emergidas durante o processo. Utilizo a palavra “construído” e não “organizado”, pois também contou com a criação de cenas e histórias para uma “costura” final que conseguisse reunir, pelo menos parcialmente, a beleza e a criatividade surgidas no trabalho.



Considerações finais

A partir de perguntas como “Quais estratégias metodológicas podem suscitar a autonomia, a gestão coletiva e a sustentabilidade desse grupo específico?” e “Como dialogar e pensar a sustentabilidade de um grupo teatral em área rural, num ambiente em que os integrantes possuem diversas relações externas de trabalho e subsistência?”, é que nós, do Roda Moinho, pretendemos dar prosseguimento as pesquisas metodológicas iniciadas com o grupo, visando estimular a continuidade dos trabalhos a partir de uma gestão coletiva e autônoma por parte dos jovens do assentamento. Somente perceberemos se esse objetivo possuirá êxito através da continuidade dos trabalhos, com no mínimo a execução de um outro

projeto. Temos em mente, inclusive, que existe a possibilidade de que nossos anseios não sejam concretizados, tendo em vista que, as dimensões da mutabilidade e da transformação fazem parte da própria compreensão em torno de processos culturais e educacionais, as pessoas mudam e os caminhos as acompanham.

Uma de nossas reflexões é a de que necessitamos incluir em uma nova etapa a previsão de algum recurso financeiro para os jovens que continuem participando, para que estes possam, talvez, potencializar sua dedicação e disponibilidade para com a proposta. Esta iniciativa também visa apresentar uma nova dimensão de possibilidade profissional para eles e seus familiares. Entretanto, compreendemos que essa nova dimensão constitui-se mais complexa do que apresenta-se à primeira vista, estando imbricada e relacionada a outros aspectos e questões. Dessa maneira, a execução dessa idéia requer ainda uma maior reflexão e amadurecimento, que somente surgirá do processo dialógico entre nós do Roda Moinho e os jovens Poço Longe.

Essas novas questões emergidas, também trouxeram modificações no seio do Roda Moinho, observamos que é importante um trabalho de fortalecimento interno do grupo. Atualmente estamos buscando esse fortalecimento em duas direções: realizando uma formação interna não somente prática, como principalmente teórica, de discussão e pesquisa de temas que conectam-se com nossos trabalhos; e, a aplicação de uma progressiva rotatividade de funções e papéis, para incentivar uma sustentabilidade interna no nosso grupo, bem como, estar sempre refletindo sobre a relação remuneração e trabalho desempenhado, buscando quantificar este a partir do tempo e dedicação depreendidos, dentre outras questões.

As conclusões são muitas e algumas foram suscitadas no decorrer do texto. A principal idéia que desejo colocar nesse espaço é de que nosso caminho, o caminho do Grupo de Teatro Roda Moinho, foi construído aos poucos, pelos passos trilhados, alguns impulsivamente, outros de forma mais racional, mas todos de maneira espontânea e apenas tasteando as direções em que chegaríamos, as quais no fundo, sempre estarão se redesenhando de acordo com aqueles que encontrarmos nas encruzilhadas dos nossos sonhos/encontros. Tal perspectiva torna-se muito clara quando relembro de nossas avaliações dos trabalhos no Assentamento Poço Longe, nas quais alguns jovens, mencionavam ser integrantes do Roda Moinho. E de fato são. Para finalizar, deixo uma colocação de Dario Fo, que acho de extrema pertinência para a reflexão daqueles que se preocupam em fazer um teatro atuante:

É nosso dever, ou se preferirem, nossa missão profissional, como autores, diretores e pessoas de teatro, conseguir falar da realidade rompendo o modelo estandardizado, por meio da fantasia, do sarcasmo, do uso cínico da razão. (FO, 2004, p. 201)

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad.: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec; 1993.
- BENÍCIO, Eliene. **Saltimbancos Urbanos: A influência do circo na renovação do teatro brasileiro nas décadas de 1980/1990**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP; 1999.
- BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____, Augusto. **Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- FO, Dario. **Manual Mínimo do Ator**. Trad.: Lucas Baldovino e Carlos David Szlak. São Paulo: Senac São Paulo, 3ª edição, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 28ª edição, 2005.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 46ª edição, 2005.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 13ª edição, 1992.
- GARCIA, Silvana. **Teatro da Militância: A Intenção do Popular no engajamento político**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1990.
- PORTICH, Ana. **A arte do ator entre os séculos XVI e XVIII**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SCALA, Flaminio. **A loucura de Isabella e outras comédias da Commedia dell'Arte**. Trad. e Introdução: Roberta Barni. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 2003.
- TRIGO, Isa. **O Poder da Máscara: Uma experiência de treinamento do ator**. Dissertação de mestrado, PPGAC, Salvador, 1998.